

## A Geografia e o método dialético

Diego Salomão C. O. Salvador<sup>1</sup>

### Resumo

De maneira geral, os geógrafos vêm negligenciando as discussões epistemológicas no tocante à ciência que realizam, não se importando, de modo significativo, com as possíveis relações entre a Geografia e os métodos científicos e com o tratamento rigoroso, do ponto de vista teórico-metodológico, dos conceitos fundantes dessa ciência (espaço, território, região, lugar e paisagem). Esse descaso da maioria dos geógrafos para com as discussões teórico-metodológicas coloca a Geografia (ou os geógrafos?), numa situação de crise, em que se explicitam, cada vez mais intensivamente, cisões (entre, por exemplo, geografia humana e geografia física) e falta de rigor no trato de conceitos-chave dessa ciência. Quando nos referimos a método científico não estamos tratando, apenas, de procedimentos e de técnicas de pesquisa, mas também de teorias e/ou de bases teóricas que alicerçam o caminho da pesquisa e expressam o ponto de vista do pesquisador sobre a realidade. Nesse sentido, advém a importância em se realizar ciência numa perspectiva teórico-metodológica rigorosa, já que, por meio do método, podemos analisar a realidade de maneira sistemática e engajada, o que é importante em se tratando de um trabalho científico. Na atualidade, vêm sendo utilizados na Geografia os seguintes métodos científicos: hipotético-dedutivo, fenomenológico e dialético. Destarte, afirmamos que no presente texto nos detemos ao método dialético, devido a optarmos por esse método na elaboração dos nossos pensamentos e trabalhos científicos. De maneira mais específica, declaramos que o objetivo do artigo é compreender a ciência geográfica numa perspectiva dialética. Como consideração final, asseveramos ser imprescindível assumir uma postura teórico-metodológica na ciência, especificamente na Geografia. Afinal de contas, sobretudo na ciência, temos que saber o que queremos e quem somos. Vale destacar que, no decorrer do artigo, explicitamos a nossa escolha.

**Palavras-Chave:** Método científico; Geografia; Dialética.

### *Geography and method dialectical*

### Abstract

In general, geographers have been neglecting the epistemological discussions regarding the science that perform, not caring, significantly, with the possible relations between geography and the scientific methods and rigorous treatment of the theoretical point of view of methodology, wrote that science concepts (space, territory, region, place and landscape). This neglect of most Geographers with the theoretical-methodological discussions puts the geography (or the Geographers?), in a crisis situation, in which clarifies, increasingly intensively, divisions (between, for example, human geography and physical geography) and lack of rigor in the tract of key concepts of this science. When referring to the scientific method, we are not

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi publicada nos anais do evento da União Geográfica Internacional, realizado no Chile, em 2011.

Doutorando em Geografia na UNICAMP. Docente do Departamento de Geografia da CERES. Contato: [diegosalomao84@hotmail.com](mailto:diegosalomao84@hotmail.com)

dealing with just procedures and research techniques, but also of theories and/or theoretical bases which support the search path and express the researcher's point of view about reality. In this sense, comes the importance on performing science theoretical methodological perspective-accurate, since, by means of the method, we can look at the reality in a systematic way and engaged, which is important for a scientific work. In actuality, are being used in Geography the following scientific methods: hypothetical-deductive, dialectical and phenomenological. Then, we affirm that in this text we are discussing here the dialectical method, because we have chosen for this method in preparation of our thoughts and scientific work. More specifically, we declare that the goal of the article is to understand the geographical science in a dialectical perspective. As a final thought, we emphasize be essential to take a theoretical-methodological stance in science, specifically in geography. After all, especially in science, we know what we want and who we are. It is worth noting that, in the course of the article, we show our choice.

**Keywords:** Scientific Method; Geography; Dialectic.

### Introdução

De maneira geral, os geógrafos<sup>2</sup> vêm negligenciando as discussões epistemológicas no tocante à ciência<sup>3</sup> que realizam, não se importando, de modo significativo, com as possíveis relações entre a Geografia e os métodos científicos e com o tratamento rigoroso, do ponto de vista teórico-metodológico, dos conceitos fundantes dessa ciência (espaço, território, região, lugar e paisagem). Ao fazerem isso, os geógrafos, chamados, por Camargo e Elesbão (2004), de tradicionais, se atêm somente ao desencadeamento de pesquisas pragmáticas, técnicas e “úteis”, se esquecendo que o saber e o fazer formam uma só interface (VENTURI, 2005) e que, destarte, a ciência não pode ser tomada apenas pela perspectiva da objetividade. A reflexão teórico-metodológica é salutar para o desenvolvimento de qualquer ciência, especialmente, no caso da discussão aqui trazida à tona, da Geografia, possibilitando ao cientista uma *práxis* (prática pensada) e não meramente uma prática (fazer, muitas vezes, sem saber).

Em cursos de licenciatura e/ou bacharelado em Geografia, nas mais variadas escalas do território nacional, há casos em que são poucos os professores e os estudantes que se interessam e reconhecem a importância de componentes curriculares que permeiam essa discussão teórico-metodológica, como “Introdução à Geografia” e “Metodologia da Pesquisa em Geografia”. Há situações extremas em que professores e estudantes, seduzidos pelo “pragmatismo à flor da pele”, chegam a sugerir a extinção ou

---

<sup>2</sup> Neste texto, sempre que utilizamos a palavra “geógrafo” estamos nos referindo a todos e a todas estudantes da ciência geográfica, sem distinguirmos suas formações em licenciatura, em bacharelado, em mestrado e/ou em doutorado.

<sup>3</sup> Para nós, coadunando com o que é posto por Camargo e Elesbão (2004), a ciência apresenta-se como um ponto de vista sistemático acerca da realidade vivenciada, não sendo, portanto, neutra e inerte, mas sim, prenhe de engajamento e de dinâmica.

a não obrigatoriedade desses componentes no currículo dos cursos de licenciatura e/ou bacharelado em Geografia. Uma proposta complicada, sobretudo para aqueles que sabem da importância do método<sup>4</sup> e de todo seu quadro de referência para o desenvolvimento das ciências em geral.

Esse descaso da maioria dos geógrafos para com as discussões teórico-metodológicas coloca a Geografia, segundo Sposito (2004, 2010), numa situação de crise, em que se explicitam, cada vez mais intensivamente, cisões<sup>5</sup> (entre, por exemplo, geografia humana e geografia física) e falta de rigor no trato de conceitos-chave dessa ciência. Nós não temos certeza em afirmar, assim com faz Sposito (2004, 2010), que a Geografia está em crise, já que temos hoje, a nosso dispor, inclusive no Brasil, obras de geógrafos que procuram traçar ou pelo menos propor um caminho teórico-metodológico para o desenvolvimento da ciência geográfica. Por outro lado, nos arriscaríamos a dizer que os geógrafos, em sua maioria, estão em crise, já que não buscam nenhum sentido para a ciência que realizam, nem mesmo uma identidade teórico-metodológica no âmbito dessa, trabalhando a Geografia de modo “desgovernado”, isto é, misturando, no mesmo trabalho, autores e/ou teorias que não se combinam e, além disso, não tendo a menor noção de quais sejam os métodos científicos que hoje vêm sendo utilizados na Geografia.

De acordo com Sposito (2004), a palavra método deriva do grego e significa “meta”, “caminho”. Quando nos referimos a método científico não estamos tratando, apenas, de procedimentos e de técnicas de pesquisa, mas também de teorias e/ou de bases teóricas que alicerçam o caminho da pesquisa e expressam o ponto de vista do pesquisador sobre a realidade (CALDAS, 1997). Daí advém a importância em se realizar ciência numa perspectiva teórico-metodológica rigorosa, já que, por meio do método, podemos analisar a realidade de maneira sistemática e engajada, o que é importante em se tratando de um trabalho científico.

---

<sup>4</sup> Acreditamos que “o método científico é o meio graças ao qual se pode decifrar os fatos” (KOSIK, 2010, p. 54). Vale evidenciar que o fato é a cifra da realidade. Portanto, por meio do método, pode-se chegar à compreensão da realidade em sua essência, o que é imprescindível para a transformação do presente visando um futuro melhor para todos.

<sup>5</sup> Uma discussão muito presente hoje entre os geógrafos é a da “fratura secular” que marca a Geografia: geografia humana e geografia física (SILVEIRA, 2008). Para nós, tal discussão deve, no momento atual, ceder espaço para uma reflexão mais importante e mais interessante: a teórico-metodológica. Defendemos que ao invés de ficarem debatendo, e muitas vezes brigando, sobre a natureza física ou humana da Geografia, os geógrafos devem meditar acerca dos caminhos hoje possíveis para o estudo aprofundado do objeto de estudo da sua ciência: o espaço geográfico. Afinal de contas, a Geografia é uma ciência heterogênea, do ponto de vista metodológico, apresentando várias possibilidades de análise do seu objeto. Tendo consciência disso, os geógrafos podem deixar as brigas de lado e partirem para a adoção do rigor teórico-metodológico em suas pesquisas.

O método científico não deve ser tratado numa perspectiva disciplinar. Não há métodos exclusivos para determinadas ciências, assim como não há um único método a ser utilizado na Geografia<sup>6</sup> (TRICART, 2006) ou em qualquer outra ciência. Aliás, George (1972) esclarece que a Geografia, desde o seu nascimento enquanto ciência moderna, entre os séculos XVIII e XIX, é caracterizada pela heterogeneidade metodológica, o que demonstra a extrema pertinência de se discutir essa ciência considerando um caminho teórico-metodológico, sabendo que existem outros a serem seguidos. Se não fizermos isso, corremos dois riscos: o de nos aproximarmos das cisões que marcam “a cabeça” de alguns geógrafos (geografia geral – geografia regional; geografia humana – geografia física...) e de, assim, nos afastarmos do que realmente interessa, que é a análise do espaço geográfico, ou seja, do objeto de estudo da Geografia; e o de trabalharmos essa ciência de um ponto de vista sintético, querendo dar conta de tudo e, no final das contas, não alcançando nada de modo eficaz. Defendemos, em suma, que, dentre os métodos hoje utilizados na Geografia, devemos selecionar um<sup>7</sup>, de acordo com o nosso ponto de vista acerca da realidade, e, de tal modo, analisarmos nosso objeto de estudo com o devido rigor científico.

Ao estudar, de maneira relacional, Geografia e Filosofia, Sposito (2004) afirma que um método científico possui leis e categorias e se relaciona a procedimentos e a teorias disseminadas na ciência. Sendo assim, esse autor defende que, na atualidade, vêm sendo utilizados na Geografia os seguintes métodos científicos: hipotético-dedutivo, fenomenológico e dialético.

Destarte, afirmamos que no presente texto nos deteremos ao método dialético, devido a optarmos por esse método na elaboração dos nossos pensamentos e trabalhos científicos. De maneira mais específica, declaramos que o objetivo do artigo é compreender a ciência geográfica numa perspectiva dialética.

<sup>6</sup> Entre o início e meados do século XX, geógrafos, denominados de neopositivistas, defendiam ser necessário a adoção de um método próprio para a Geografia, assim como asseveravam que esta era uma ciência de síntese, que atentava para tudo, de acordo com as leis racionais (SANTOS, 2004; CAMARGO; ELESBÃO, 2004). Hoje, após toda a reflexão realizada sobre a filosofia da ciência e após toda a evolução da história do pensamento geográfico, sabemos que o método não deve ser tratado numa perspectiva disciplinar e que a Geografia não é uma ciência que estuda tudo, alicerçada, apenas, na racionalidade. Não há uma ditadura do método, como é colocado por Feyerabend, em que se impõe um único caminho para todo o conhecimento científico (CAMARGO; ELESBÃO, 2004). Do mesmo modo, sabemos que a Geografia estuda o espaço geográfico, que é marcado por objetos e ações, razões e emoções (SANTOS, 1999).

<sup>7</sup> De acordo com as lições de método trazidas à tona por Marconi e Lakatos (2010), afirmamos que não se “misturam”, numa pesquisa ou num trabalho científico, diferentes métodos de abordagem, pois, esses se caracterizam por uma abordagem mais ampla, uma abstração mais elevada dos fenômenos da natureza e da sociedade. Hoje, defendemos, coadunando com Sposito (2004, 2010), que na Geografia vêm sendo aplicados os seguintes métodos de abordagem: hipotético-dedutivo, fenomenológico e dialético. Portanto, cabe aos geógrafos conhecerem esses métodos e optarem por um, de acordo com os seus pontos de vista, visando fundamentar suas pesquisas e reflexões.

Sendo assim, o texto segue estruturado em três momentos: primeiro, refletimos sobre o método dialético; após, relacionamos a Geografia a esse método; e, por fim, tecemos considerações finais, ratificando a importância da assunção de uma identidade teórico-metodológica no âmbito da ciência geográfica.

Vale ainda frisar que o presente texto constitui-se num ensaio acerca de um tema árduo e polêmico a qualquer geógrafo, que, pela complexidade das discussões traçadas, não pretende, de modo algum, esgotá-las, mas, pelo contrário, problematizá-las mais ainda. Afinal de contas, tais discussões são necessárias aos geógrafos. Ficaremos felizes se, ao menos, os estudantes de graduação que se iniciam na pesquisa em Geografia e, dessa maneira, buscam um sentido para essa ciência e uma identidade no âmbito da mesma, se interessarem pelo texto. Isso por que elaboramos esse trabalho pensando, sobretudo, nesses estudantes.

### **O método dialético**

Este método refuta o senso comum por si só, que se expressa na simples aparência dos objetos; ultrapassa essa simples aparência, buscando a verdade, isto é, a essência dos objetos, a qual é o fruto da razão (SPOSITO, 2004). Quem opta pelo método dialético, não deve trabalhar com fatalismos, mas sim com processos (MANDEL, 1978). Os homens, nesse ínterim, enquanto produto das condições materiais determinadas, fazem a sua própria história. Frisamos que tais condições materiais decorrem da práxis social. Destarte, asseveramos que a dialética é o “método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa [a essência do concreto], e, portanto, compreender a coisa” (KOSIK, 2010, p. 18).

A dialética tem três leis básicas, a saber: a transformação da quantidade em qualidade, a unidade e interpretação dos contrários e a negação da negação (MIORIN, 1991; SPOSITO, 2004).

Os dados quantitativos não devem ser negligenciados por um pesquisador que adota o método dialético. Todavia, esses dados devem ser utilizados no desencadeamento de análises qualitativas da realidade. Essa utilização, geralmente, ocorre em fases iniciais da pesquisa, sendo, desse modo, um “a priori”, devendo ser aprofundada por um processo de observação e análise detalhada do real (pesquisa de campo), o que, muitas vezes, pode colocar em xeque vários dos dados estatísticos coletados. Em Geografia, não devemos, em hipótese alguma, tentar compreender a realidade somente por dados quantitativos, sendo imprescindível a realização, com afincamento,

de pesquisa de campo, visando uma interpretação qualitativa do real. Assim sendo, a já clássica concepção de Andrade (2008) é pertinente: a Geografia se faz andando e pensando.

O trabalho com o método dialético atenta para a materialidade (concreto) em movimento (KOSIK, 2010), o que revela inúmeras contradições, que estão em unidade (combinadas), integrando o mesmo processo (o capitalista). O mundo, comandado pelos agentes hegemônicos do capital, não é um romance marcado apenas por “flores” e por solidariedades orgânicas (SANTOS, 1999). O mundo, além das benesses, é também, e sobretudo, permeado pelas contradições, pela luta dos contrários. As contradições não expressam dualismos, mas sim pares dialéticos que devem ser analisados criticamente, como: pobreza e riqueza, mercado e Estado, matéria e consciência, necessário e contingente, forma e conteúdo, realidade e possibilidade, tempo e espaço. Os pares dialéticos mostram que os fenômenos, em sua essência, estão em unidade, integrando uma só dinâmica: no momento, a capitalista.

Por intermédio da “negação da negação”, busca-se sempre o conhecimento, sem contentamentos ou conclusões precipitadas. O pesquisador deve estar constantemente inquieto, problematizando e, assim, analisando veementemente a realidade. Nessa análise, tem-se um conhecimento que, ao ser negado, gera outro, que, por meio da sua negação, gera outro mais profundo em conteúdo, e assim sucessivamente. O processo de busca pelo conhecimento da essência dos objetos é infinito para o pesquisador que opta pela dialética como caminho teórico-metodológico.

De acordo com Sposito (2004, 2010), no método dialético, sujeito e objeto são intrínsecos; o sujeito se constrói e se transforma, construindo e transformando, ao mesmo

tempo, o objeto, que construído (fruto do trabalho humano) influencia as ações do sujeito<sup>8</sup>. Essa concepção, trazida para a ciência geográfica, pode ser exemplificada pela relação homem ou sociedade (sujeito) e espaço (objeto): os homens produzem historicamente o espaço, fazendo dele um reflexo das ações humanas; contudo, enquanto produto social, o espaço condiciona a práxis dos homens, sendo, portanto, reflexo e condicionante. Assim sendo, o espaço é social, interessando ao geógrafo as diferentes e desiguais produções do espaço que são colocadas em baila pelos variados agentes sociais (hegemônicos ou não).

A ciência, numa perspectiva dialética, alicerça-se na noção de historicidade, ou seja, na transformação da realidade, a qual é analisada de modo crítico. Os trabalhos científicos, elaborados de acordo com esse método, se dedicam a interpretação da totalidade em movimento, chegando, dessa maneira, a essência do concreto, isto é, às contradições, às desigualdades e às possibilidades de mudança rumo a um futuro diferente do presente. Em suma, a ciência, nessa perspectiva metodológica, é pensada de modo engajado, político. Veremos, mais à frente, que o método dialético foi sumamente importante para a renovação da Geografia em meados do século XX, quando se trouxe à tona a chamada “geografia crítica”.

As palavras de Kosik (2010, p. 22) explicitam com clareza que a dialética constitui-se num método revolucionário, que permite a compreensão da essência do real e do fato de sermos sujeitos da história, possibilitando, assim, a consciência de que é provável a transformação da realidade. Vejamos tais palavras:

[...] método revolucionário de transformação da realidade. Para que o mundo possa ser explicado *criticamente*, cumpre que a explicação mesma se coloque no terreno da *práxis* revolucionária. [...] a realidade pode ser mudada de modo *revolucionário* só porque e só na medida em que nós mesmos produzimos a realidade, e na medida em que sabemos que a realidade é produzida por nós (destaques do autor).

---

<sup>8</sup> De acordo com Kosik (2010), a história (o processo) é marcada por duas premissas fundamentais: 1) é feita pelos homens, que são os sujeitos da dinâmica do mundo; 2) é calcada na continuidade, isto é, no trabalho e nos resultados provenientes das gerações precedentes. Ou seja, os homens são os protagonistas do movimento histórico, sempre sendo influenciados pelas produções pretéritas, que decorrem das relações e ações de gerações de outrora. Nas palavras do autor, “a história só é possível quando o homem não começa sempre de novo e do princípio, mas se liga ao trabalho e aos resultados obtidos pelas gerações precedentes. Se a humanidade começasse sempre do princípio e se toda ação fosse destituída de pressupostos, a humanidade não avançaria um passo e a sua existência se escoaria no círculo da periódica repetição de um início absoluto e de um fim absoluto” (Ibid., p. 237).

Vale evidenciar que a dialética foi discutida primeiramente por Platão e Aristóteles, sendo utilizada para confrontar opiniões em busca de um ponto de vista mais amplo, mais compreensivo (SPOSITO, 2004). Hegel a resgata, pensando-a como um método para compreender o movimento, a dinâmica do mundo, visando a verdade, isto é, o conhecimento (Ibid.). E Marx, pensando a base teórica do materialismo histórico, a aprofunda, defendendo ser a dialética um método de investigação rigoroso, alicerçado no movimento histórico (BECKER, 2005). Ao aprofundar a compreensão acerca da dialética, Marx coloca que esse método tem os seguintes princípios: interação universal, movimento, unidade dos contrários, desenvolvimento em espiral e transformação da quantidade em qualidade.

Para Marx, os fenômenos devem ser apreendidos em sua totalidade<sup>9</sup>, levando-se em consideração as contradições em seu conjunto e o movimento em sua totalidade (MANDEL, 1978). A verdade é a totalidade, sendo sempre concreta<sup>10</sup> (KOSIK, 2010; MIORIN, 1991); logo, a totalidade apresenta-se como o amplo conhecimento da essência do concreto (MANDEL, 1978). Hoje, mais do que nunca, um espaço ou um fenômeno não pode ser compreendido por si próprio, como uma totalidade em si mesma. É preciso, cada vez mais, considerar a simultaneidade que permeia os espaços e os fenômenos mundiais, apreendendo-os de acordo com a lógica da interação universal.

Do mesmo modo, temos que ter a consciência de que tudo muda, devido a tudo estar em movimento (MARX, 2003, 1998). O movimento, que é causado pelas ações e relações humanas, governa toda e qualquer existência, que, ratificamos, é concreta (material). Todo movimento tem como aspecto nevrálgico as contradições que marcam internamente (na essência) o objeto em mutação.

---

<sup>9</sup> A “totalidade não significa *todos os fatos*. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* [...] pode vir a ser racionalmente compreendido” (KOSIK, 2010, p. 43-44).

<sup>10</sup> “O mundo é a realidade *material* em transformação e em contínua construção, realizada por pessoas que vivem em determinada época e num sistema de relações sociais” (MIORIN, 1991, p. 14-15, destaque nosso). Vale frisar que “a dialética [...] não reduz os processos espirituais existentes na consciência do ser humano (pensamentos, sentimentos, aspirações, estados de ânimo, emoções etc.) à condição de substância, como querem fazer crer os *idealistas*, notadamente os compromissados ideologicamente com o sistema de dominação reinante. Querem fazer crer perante a sociedade que os materialistas dialéticos são desprovidos de sentimentos, emoções, enfim, dos valores espirituais que os seres humanos possuem. Muito pelo contrário, os aspectos subjetivos do homem são, em ordem crescente, no dia a dia, valorizados pelos povos que imprimiram uma nova construção da sociedade humana regida pelas leis objetivas do desenvolvimento dialético e histórico da humanidade.

Utilizando-se das ciências que se preocupam em conhecer o mundo do consciente e do inconsciente do homem – neuropsicologia, neurofisiologia, psicologia, psiquiatria etc., a dialética materialista comprova cientificamente que as *emanações espirituais* do homem são reflexos da realidade objetiva, isto é, do mundo circundante fora do homem, refletido através do seu agente material – a estrutura cerebral” (GOMES, 1983, p. 83) (destaques do autor).

Assim sendo, movimento e contradição são sinônimos de coexistência de elementos diferentes, porém, combinados. A existência dos contrários, em outras palavras, significa sua coexistência numa totalidade estruturada (MANDEL, 1978). Ao estudar a realidade, nos deparamos com elementos que, “a priori”, parecem duais, discrepantes entre si, compartimentalizados, mas que estão, em sua essência, combinados, em unidade, integrando o mesmo processo. Um exemplo é o estudo das desigualdades socioespaciais no âmbito do sistema capitalista, as quais podem ser representadas, grosso modo, pela (co)existência de agentes hegemônicos e de agentes não hegemônicos. Tais agentes, apesar das contradições e das desigualdades que marcam suas relações, estão em coexistência no processo capitalista, trazendo à tona a lógica da luta dos contrários.

A história é construída pelos homens num movimento em espiral, pois, ela se repete, porém, nunca do mesmo modo. Ao fazer a história, os homens não a fazem somente por suas próprias vontades, mas também de acordo com o que já está construído<sup>11</sup>. Assim, o material produzido historicamente influencia as ações humanas atuais, confirmando a concepção de que o espaço é condição da *práxis* humana e o fato de que a história pode até ser parecida, contudo, nunca a mesma.

Destarte, uma categoria fundamental no trabalho com o método dialético é a ação humana<sup>12</sup>. Por meio de suas ações, os homens demonstram a verdade, isto é, a realidade, gerando os objetos concretos que marcam o meio de coexistência. Na análise do real, essas ações devem ser buscadas a partir da atenção dada à essência, ao qualitativo, e não à aparência ou ao quantitativo (MARX; ENGELS, 1999). Como já destacamos anteriormente, em pesquisa social, o quantitativo constitui-se apenas num “a priori” e não na realização da pesquisa de fato, o que já permeia o qualitativo.

Enfim, destacamos que a dialética na ótica marxista é um caminho científico comprometido com a maioria dos agentes sociais, ou seja, com os agentes não hegemônicos. O pesquisador que assume esse caminho deve desenvolver a ciência de

---

<sup>11</sup> Ainda, “o traço característico de todo o desenvolvimento é a sua complexidade, a sua contraditoriedade, que não se reduz apenas a mudanças progressivas. O desenvolvimento se faz acompanhar da repetição de algumas particularidades de etapas já passadas e até de retornos a etapas antigas.

Na realidade, certa repetição das etapas já percorridas no processo de desenvolvimento não quer dizer, de modo algum, retorno absoluto ao antigo. Essa repetição se dá em uma base completamente diferente, qualitativamente nova, tendo em conta todo o desenvolvimento acumulado” (MIORIN, 1991, p. 44).

<sup>12</sup> “É pela prática [ação] que o ser humano cria as condições materiais de sua existência na sociedade. É pela prática que estabelecemos a nossa união concreta com o mundo exterior, revelando-nos as sensações, as percepções, as representações, as quais funcionam como nexos entre ambos conhecimentos (sensorial e conceitual). É pelo mecanismo da prática-produção, experimentação, lutas de classes – que testamos a veracidade de nosso saber” (GOMES, 1983, p. 101).

uma maneira engajada, trabalhando com a possibilidade futura de uma transformação na estrutura da sociedade, o que ocasionaria também uma transformação no espaço, em que o pilar fundamental deixe de ser o mercado e passe a ser o bem-estar coletivo. Afinal de contas, não é importante apenas interpretar o mundo, mas também, e sobretudo, transformá-lo (Ibid.).

### **O método dialético e a Geografia**

Após as breves abordagens acerca do método dialético, tecemos agora algumas reflexões relacionando os aspectos destacados no tocante a dialética à Geografia.

Inicialmente, afirmamos que fazer Geografia de acordo com o método dialético significa confrontar ideias, reconhecer que os pensamentos são dinâmicos e, portanto, discutíveis, já que ligados à complexidade social. Defendemos que a ciência geográfica só prosseguirá seu desenvolvimento caso haja em torno dela um intenso debate teórico-metodológico, confrontando diferentes perspectivas em busca de um consenso, pelo menos mínimo, sobre o sentido dessa ciência e sobre a definição do seu objeto de estudo: o espaço geográfico.

Vale destacar que Rodriguez e Silva (2005), ao buscarem refletir sobre a epistemologia da Geografia a partir da dialética, defendem que, sob essa perspectiva metodológica, o objeto de estudo da Geografia é a “superfície do planeta Terra”, sendo estudado por meio de geossistemas, como o espaço, o território, a paisagem e a região. Para nós, tal concepção é um equívoco. O objeto de estudo da Geografia é o “espaço geográfico”, independentemente da posição teórico-metodológica adotada por cada geógrafo. Esse objeto pode ser definido como o conjunto indissociável e contraditório de objetos (naturais e artificiais, sendo que estes são cada vez mais preponderantes) e ações (SANTOS, 1999), podendo ser estudado pelas categorias analíticas “forma” (o aparente), “função” (o conteúdo da forma), “processo” (a dinâmica do espaço) e “estrutura” (o todo, a organização ou a essência do espaço) (SANTOS, 1997). Tais categorias permitem a análise e a compreensão das dimensões do espaço, a saber, o território, a região, o lugar e a paisagem. Dependendo da postura teórico-metodológica adotada pelo geógrafo, as abordagens acerca desse objeto vão se constituindo de modos diferentes, podendo-se priorizar a questão ambiental (quando se trabalha com o método hipotético-dedutivo), a cultural (no momento em que se lança mão do método fenomenológico) ou a social (quando se opta pela dialética). Todavia, percebemos que o

objeto é sempre o mesmo (o espaço geográfico), havendo apenas diferenciações nas abordagens sobre esse, o que é salutar para o desenvolvimento da ciência geográfica.

Outro equívoco cometido por Rodriguez e Silva (2005) é, ao afirmar que trabalham numa perspectiva dialética, considerarem a Geografia como uma ciência “ambiental”. Se quisessem dar fundamento teórico-metodológico a essa consideração, os autores deveriam ter optado pelo trabalho com o método hipotético-dedutivo, que privilegia o objeto em relação ao sujeito (SPOSITO, 2004). Ao escolher a dialética, os autores dão a entender que sabem que, nesse método, objeto e sujeito não se separam (Ibid.) e que, portanto, homem e natureza formam uma só interface.

Pois bem, no período atual, em que o espaço é cada vez mais marcado pelo conteúdo técnico-científico-informacional, a natureza torna-se, mais e mais, humanizada, devido às ações artificializadoras dos homens sobre a mesma. Sendo assim, tratamos hoje de uma natureza modificada pela ação humana, de uma natureza humanizada. Nesse sentido, o meio estudado por nós geógrafos não é mais, predominantemente, “ambiente”, mas sim “humano”, “geográfico”. Destarte, sob a dialética, se quisermos adjetivar a Geografia, devemos fazer isso pelo adjetivo “humana”, pois, este é revelador de todas as ações hoje impressas pelos homens no meio geográfico. Assim sendo, a consideração dos autores é confusa, tanto em termos metodológicos quanto em termos do conteúdo do meio hoje estudado no âmbito da Geografia.

Dito isso, cabe evidenciar que a dialética vem ocupando uma posição de destaque no processo de renovação da Geografia. Até meados do século XX, a Geografia realizada não se relacionava aos princípios básicos do método dialético. É a partir das décadas de 1960-70 que geógrafos franceses (como Yves Lacoste, Pierre George e Paul Claval), anglo-saxões (como David Harvey) e latino-americanos (como Milton Santos) começam a pensar a ciência geográfica por meio das lógicas do movimento, das contradições e da interação universal dos fenômenos, buscando, acima de tudo, a compreensão da essência do real, isto é, do concreto.

Desde então, a Geografia trabalhada de modo crítico procura refletir sobre o espaço geográfico numa perspectiva revolucionária (política), atentando para a insuportável realidade atual (para a grande maioria dos agentes sociais) e propondo transformações dessa realidade, visando um futuro melhor para todos e todas. Portanto, o geógrafo que optar pela perspectiva teórico-metodológica da dialética deve desencadear reflexões críticas acerca da essência do espaço (MIORIN, 1991), estando engajado com

metamorfoses dessa essência, rumo a outro contexto em que o pilar principal seja a coletividade e não a individualidade ou a competitividade<sup>13</sup>.

Destarte, asseveramos ser imprescindível ultrapassar a simples aparência do espaço e chegar à sua essência. Assim, não devemos desenvolver uma análise acerca de um determinado espaço por meio, somente, das descrições, das percepções e das estatísticas. Ao observar e analisar um espaço, podemos, sem dúvida, descrevê-lo e considerar as diferentes percepções e estatísticas acerca do mesmo. No entanto, nossa análise não deve se limitar às descrições, às percepções e às estatísticas; temos que partir em busca do essencial, do que se revela para além da aparência do espaço.

Para isso, é sumamente importante trabalhar de modo qualitativo, lançando mão de observações, de entrevistas com agentes sociais e de reflexões acerca da realidade estudada, sempre objetivando uma análise crítica do objeto de estudo. É imprescindível calcar as nossas análises na totalidade da realidade estudada, considerando os diferentes agentes sociais, as diferentes atividades desenvolvidas, assim como as desigualdades e as contradições que marcam o espaço delimitado para pesquisa. Somente assim estaremos atentando para a dinâmica do real, ao ultrapassarmos as meras descrições, percepções e estatísticas que são insuficientes para uma análise acurada da complexidade socioespacial.

Para analisar o espaço geográfico, acreditamos ser interessante considerar a proposta de Santos (1988), que elenca categorias analíticas para a realização dessa análise, a saber: forma, função, estrutura e processo. A partir dessas categorias, podemos atentar para o processo de transformações na estrutura do espaço, revelando novas formas e novos conteúdos (funções), o que nos leva a reconhecer as ações humanas que permeiam esse processo de transformações e os objetos geográficos decorrentes dessas ações. Desse modo, estaremos atentando para as metamorfoses do espaço habitado pelos diferentes agentes sociais, entendendo o espaço como uma instância da sociedade, por ser este um reflexo das ações humanas, mas também um condicionante dessas ações, devido a constituir-se em trabalho materializado<sup>14</sup>.

Quando falamos em espaço geográfico, estamos nos referindo a espaço banal (SANTOS, 1999), isto é, ao espaço de todos os agentes sociais e de todas as atividades

<sup>13</sup> Claval (1999), refletindo sobre as relações existentes entre Geografia e Política, afirma que essa ciência tem, hoje, a necessidade premente de ser política, pois, por meio dela, os agentes sociais têm a possibilidade de compreenderem a interface mundo-lugar e, assim, elucidarem as suas chances de ação e suas responsabilidades perante o mundo atual, que, cada vez mais, é marcado por desigualdades, contradições e perversidades. Nesse ínterim, Claval (1999, p. 79) assevera que “as preocupações políticas permanecem [ou pelo menos devem permanecer] subjacentes nos propósitos dos geógrafos, mesmo quando eles adotam o tom desapaixonado dos professores”.

econômicas, coexistindo de modo solidário e contraditório. O estudo do espaço banal leva em consideração diferentes aspectos tratados de modo combinado (pares dialéticos), como por exemplo: Estado e mercado, centro e periferia, circuito superior e circuito inferior da economia urbana, regiões urbanas e regiões agrícolas etc. Nessa perspectiva, podemos analisar a cidade como um sistema urbano, que é constituído por dois subsistemas (circuito superior e circuito inferior), os quais explicitam diferentes formas de organização e de cooperação desenvolvidas por diferentes agentes sociais (SANTOS, 1979). Sendo assim, a cidade é única (um só sistema), porém, segmentada em dois subsistemas, devido às desigualdades e às contradições que marcam esse espaço no contexto capitalista. Tal exercício de reflexão geográfica trabalha com o princípio da unidade dos contrários, podendo ser aplicado à realidade de qualquer cidade dos países subdesenvolvidos. O importante é sabermos que os contrários são explícitos nas diferentes escalas geográficas do mundo capitalista, os quais, ao invés do que muitos imaginam, não expressam dualismos, mas sim unidades (combinações). Essa ideia se torna bastante compreensível quando raciocinamos que o circuito inferior decorre, assim como o circuito superior, da modernização econômica (SANTOS, 1979), bem como que a pobreza só existe por que a riqueza é um fato extremamente verídico no presente.

Outro princípio importante para o estudo do espaço geográfico na atualidade é o da interação universal dos fenômenos. Hoje, mais do que nunca, devemos atentar para as diferentes escalas geográficas do globo na perspectiva da simultaneidade, pois, o local e o global estão, agora, formando uma única interface. Nesse sentido, Santos (1999) afirma que o mundo por si só é apenas uma possibilidade, só se realizando na escala do lugar, cabendo aos geógrafos, desse modo, atentarem para as diferentes maneiras de realização do mundo nos diversos lugares. Em suma, fica explícito que não podemos mais apreender o lugar por si só, como uma totalidade em si mesma, mas sim como uma escala do mundo capitalista que apresenta particularidades e pode apresentar contrarrazões, mas que também se conecta, de algum modo, às racionalidades dominantes do mundo capitalista.

Outrossim, os estudos da chamada geografia crítica são desenvolvidos, geralmente, por constantes problematizações, sempre visando um conhecimento mais aprofundado do que o obtido anteriormente. Desse modo, ao analisarmos um dado espaço, temos, “a priori”, um conhecimento sobre o mesmo, o qual deve ser negado para

<sup>14</sup> “A interferência do meio geográfico só ocorre no momento do processo evolutivo do homem. Ocorre quando ele produz sua vida, isto é, *faz surgir do seio da natureza um mundo humano*. É a paisagem humanizada, é o espaço geográfico na sua plenitude” (MIORIN, 1991, p. 34, destaque nosso).

que outro conhecimento, mais próximo da realidade, seja obtido. Tal exercício de negação deve ser feito quantas vezes forem necessárias para que se chegue o mais próximo possível da essência do espaço.

Vale ainda destacar que a ciência geográfica realizada na perspectiva do método dialético tem também como princípio a criticidade. Nós, particularmente, analisamos as diferentes ações dos diversos agentes sociais no processo de produção do espaço, nos comprometendo em refletir, de modo mais específico, sobre a produção não hegemônica do espaço. Assim sendo, estamos engajados em analisar como os pobres vêm sobrevivendo e, assim, produzindo o espaço, objetivando, com isso, chegarmos a uma reflexão mais ampla acerca de uma produção futura do espaço em que o bem-estar coletivo seja o principal aspecto. Acreditamos, de tal modo, que o geógrafo deva refletir sobre a perversa realidade atual, pensando, a partir dessa reflexão, um futuro possível, que seja diferente do presente.

Frisamos que é também extremamente necessário estudar a produção hegemônica do espaço, a fim de a compreendermos para, destarte, propomos uma revolução socioespacial cada vez mais possível. Afinal de contas, só podemos romper com o contexto atual se o conhecermos de modo significativo. Entretanto, estudar a produção do espaço apenas pelos agentes sociais e pelas atividades econômicas superiores significa amputar a realidade vivenciada, assim como desconsiderar os princípios da unidade dos contrários e da totalidade. Dessa maneira, estudamos, no momento atual, a produção do espaço norte-rio-grandense, atentando especificamente para as ações dos agentes sociais não hegemônicos, já que tais ações não vêm sendo tratadas, de modo veemente, no âmbito da geografia potiguar<sup>15</sup>.

Por fim, resta-nos, após as abordagens trazidas à tona, tecer considerações finais a este ensaio, asseverando a importância de se assumir uma identidade teórico-metodológica no âmbito da Geografia.

---

<sup>15</sup> Uma rápida busca no acervo da biblioteca Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), revelou-nos que, no âmbito da literatura geográfica norte-rio-grandense, apenas uma dissertação, da autoria de Fernandes (2008), versa sobre as pequenas atividades desencadeadas pelos pobres. Outrossim, essa busca nos mostrou que a maioria dos estudos elaborados pelos geógrafos potiguares trata, geralmente, de atividades que interessam aos agentes hegemônicos do capital, como o turismo, a fruticultura irrigada, a atividade petrolífera etc.

## Considerações finais

Iniciamos estas considerações finais colocando em baila a concepção de Sartre (1978), de que a vida é feita de escolhas e os homens são os únicos responsáveis pelas escolhas que fazem.

Do mesmo modo, evidenciamos que fazer ciência é um ato de rigor teórico-metodológico. Não se pode fazer ciência assim como se participa de uma festa ou como se conversa com amigos sobre futebol. Fazer ciência requer sistematização lógica das ideias, bem como conhecimento de teorias e consideração de normas estabelecidas para a elaboração de trabalhos científicos. Outrossim, é preciso saber o sentido da ciência com a qual se está trabalhando e assumir uma identidade no âmbito da mesma. Caso contrário, corre-se o risco de ser um pesquisador esquizofrênico, que faz, por exemplo, História ou Sociologia pensando estar fazendo Geografia, isso pelo simples fato de não saber ao certo o sentido desta ciência.

Sendo assim, afirmamos que a Geografia é uma ciência humana (SANTOS, 2004; ANDRADE, 2008), que tem por objeto de estudo o espaço geográfico, definido como o conjunto indissociável e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 1999). Cabe ao geógrafo analisar o espaço a partir de suas categorias analíticas (forma, função, estrutura e processo), atentando para sua essência na perversa realidade atual e imaginando, a partir da análise do presente, um futuro melhor para todos e todas, no qual as técnicas hoje utilizadas em favor do mercado sejam usadas em favor da coletividade social.

Temos consciência, coadunando com Gomes (2010), de que não há uma forma padrão ou uma única metodologia “verdadeira” para se trabalhar ou desenvolver uma ciência. A ciência é uma construção concatenada ao seu tempo e o contexto atual é o tempo das incertezas, fazendo da ciência, mais do que nunca antes, variada e multiforme (Ibid.). Além disso, de maneira específica, sabemos que a Geografia é uma ciência que já nasce com a marca da heterogeneidade metodológica (GEORGE, 1972).

No entanto, essas concepções não invalidam nosso argumento de que é imprescindível assumir uma postura teórico-metodológica na ciência, especificamente na Geografia. Ao contrário, o reforçam, já que em meio a tantas incertezas e a tanta heterogeneidade, torna-se premente saber “com quem se está falando” num debate científico ou no momento em que se aprecia uma obra científica. Afinal de contas, sobretudo na ciência, temos que saber o que queremos e quem somos. Neste ensaio, trouxemos à tona a nossa escolha. Cabe agora aos geógrafos que não concordam

conosco explicitarem as suas escolhas teórico-metodológicas, dizendo-nos quem são eles no âmbito da Geografia e o que é essa ciência para eles. Esperamos, destarte, que o debate prossiga, pois, só assim a Geografia pode continuar seu desenvolvimento. Vamos às reflexões teórico-metodológicas!

## Referências

ANDRADE, M. C. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Editora da UFPE, 2008.

BECKER, E. L. S. A Geografia e o método dialético. **Vidya**, Santa Maria, v. 25, n. 2, p. 51-58, jul./dez. 2005.

CALDAS, A. L. Dialética e hermenêutica: uma questão de método. **GEOUSP: espaço e tempo**, São Paulo, n. 01, p. 23-29, 1997.

CAMARGO, J. C. G. ; ELESBÃO, I. O problema do método nas ciências humanas: o caso da Geografia. **Mercator**, Fortaleza, ano 03, n. 06, p. 07-18, 2004.

CLAVAL, P. Geografia e Política. **GEOUSP: espaço e tempo**, São Paulo, n. 5, p. 79-84, 1999.

FERNANDES, G. O. **Setor informal da economia e a dinâmica dos territórios nas praias da cidade do Natal-RN**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

GEORGE, P. **A ação do homem**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

\_\_\_\_\_. **Os métodos da Geografia**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GOMES, H. Reflexões sobre a dialética. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, n. 3, v. 1-2, p. 83-103, jan./dez. 1983.

GOMES, P. C. C. Culturas teóricas, culturas políticas no pensamento geográfico. In: CASTRO, I. E. ; MIRANDA, M. ; EGLER, C. A. **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2010. p. 335-339.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 8. reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

MANDEL, E. **Introdução ao marxismo**. Lisboa: Antidoto, 1978.

MARCONI, M. A. ; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, K. ; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: Feuerbach. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1999.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **O capital**: crítica da economia política. Livro 01. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MIORIN, V. M. F. Uma abordagem dialético-materialista para a organização do espaço. **Geografia**, Londrina, v. 6, p. 07-54, 1991.

RODRIGUEZ, J. M. ; SILVA, E. V. Para una interpretacion epistemologica de la Geografia a partir de la dialéctica. **Mercator**, Fortaleza, ano 04, n. 08, p. 55-68, 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SILVEIRA, M. L. Dos mundos passados e suas geografias aos horizontes contemporâneos: algumas reflexões. **Revista Formação**, Presidente Prudente, n. 15, v. 1, p. 06-18, 2008.

SPOSITO, E. S. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, I. E. ; MIRANDA, M. ; EGLER, C. A. **Redescobrimo o Brasil**: 500 anos depois. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2010. p. 347-359.

\_\_\_\_\_. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TRICART, J. O campo na dialética da Geografia. **Revista do Departamento de Geografia (USP)**, São Paulo, 19, p. 104-110, 2006.

VENTURI, L. A. B. O papel da técnica no processo de produção científica. In: **Praticando a Geografia: técnicas de campo e laboratório em Geografia e análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2005. p. 13-18.